



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA



Edlane Rodrigues de Souza

**ANSIEDADE, AUTOCONCEITO E DESEMPENHO ESCOLAR EM CRIANÇAS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Orientador(a): Prof. Dr^a. Carla Alexandra Moita Minervino

João Pessoa

2016

EDLANE RODRIGUES DE SOUZA

ANSIEDADE, AUTOCONCEITO E DESEMPENHO ESCOLAR EM CRIANÇAS DO
ENSINO FUNDAMENTAL


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Profª. Dra. Carla Alexandra Moita Minervino.

Aprovado em: 03 / 06 / 2016 .

BANCA EXAMINADORA


Prof.ªDra. Carla Alexandra Moita Minervino (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.ªMs.Emille Burity Dias (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

ANSIEDADE, AUTOCONCEITO E DESEMPENHO ESCOLAR EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Resumo: No ambiente escolar as crianças podem se deparar com diversas situações que podem lhe causar ansiedade e assim interferir no seu desempenho acadêmico, portanto é importante que se realize estudos avaliativos de ansiedade para que se torne possível desenvolver estratégias de autorregulação das emoções. Objetivou-se nesse estudo analisar a relação existente entre ansiedade, autoconceito e desempenho escolar. Especificamente, identificar o nível de ansiedade dos alunos do ensino fundamental antes de realizar uma avaliação de aprendizagem; identificar o desempenho escolar de crianças do ensino fundamental; correlacionar o nível de ansiedade com o desempenho escolar; correlacionar autoconceito e ansiedade; além de comparar níveis de ansiedade entre alunos de escola pública e privada. Participaram da pesquisa 52 alunos, sendo 32 de escola privada e 20 de escola pública da cidade de João Pessoa. A amostra foi composta por 20 meninos e 32 meninas, com idades variando entre 11 a 19 anos. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram uma escala de ansiedade e uma escala de auto-conceito, em ambas os alunos respondem sobre como eles se sentem e se percebem. A análise de dados é composta de estatísticas descritivas e inferenciais, onde os cálculos desenvolveram correlações entre variáveis. Os resultados revelam que existe correlação entre as variáveis estudadas, e que as mesmas apresentam relação com o desempenho acadêmico dos alunos. Pretendeu-se com o presente estudo contribuir para as vertentes psicopedagógicas de forma que se desenvolvam novas estratégias de aprendizagem para um melhor rendimento escolar.

Palavras-chave: Ansiedade, Autoconceito, Desempenho Escolar.

Resumen: En el ambiente escolar los niños pueden depararse con diversas situaciones que pueden causarles ansiedad y de esta forma interferir en su desempeño académico, por lo tanto es importante que se realice estudios evaluativos de ansiedad para que sea posible desarrollar estrategias de autorregulación de las emociones. El objetivo de este estudio fue analizar la relación existente entre ansiedad, autoconcepto y el desempeño escolar. Especialmente, detectar el nivel de ansiedad de los alumnos de enseñanza fundamental antes de realizar una evaluación de aprendizaje, identificar el desempeño escolar de niños de la enseñanza

fundamental, confrontar el nivel de ansiedad con el desempeño escolar, correlacionar autoconcepto y ansiedad, además comparar niveles de ansiedad entre alumnos de escuela pública y privada. Participaron de la pesquisa 52 alumnos, refiriéndose a 32 de escuela privada y 20 de escuela pública de la ciudad de João Pessoa. La muestra es compuesta por 20 niños y 32 niñas, en el cual la edad oscila entre 11 y 19 años. Los recursos utilizados en la pesquisa fueron una escala de ansiedad y una escala de autoconcepto, con la utilización de ambas escalas los alumnos contestaron sobre cómo se sienten y se perciben. El análisis de datos es compuesto de estadísticas descriptivas e inferencias, dónde los cálculos desarrollan correlaciones entre variables. Los resultados revelan que existe correlación entre las variables estudiadas, y que en ellas mismas presentan relación con el desempeño académico de los alumnos. El objetivo del presente estudio fue contribuir con las vertientes psicopedagógicas, a modo que se desarrollen nuevas estrategias de aprendizaje para un mejor rendimiento escolar.

Palabras-claves: Ansiedad; Autoconcepto; Desempeño Escolar.

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar desempenha um papel importante no desenvolvimento social de um indivíduo a fim de contribuir para formação de um ser crítico, autônomo e sociável. Nesse meio o aluno se depara com diversas situações novas, as quais podem lhe causar grandes apreensões, como por exemplo, a aquisição de novos conhecimentos, a adaptação à novos professores e alunos, regras e as avaliações.

A ansiedade é um estado psíquico comum a todos os seres humanos. Desde muito tempo ela se apresenta como um sinal de alerta para o indivíduo, no reconhecimento de situações que oferecem perigo. É uma característica precisa em situações de risco aparente para o indivíduo, como por exemplo, demandas do dia a dia (Gomes, 2014).

A ansiedade poder ser considerada como benéfica, na medida em que nos estimula a estarmos preparados para situações importantes ou que ofereça responsabilidade, como uma exposição em público, e uma avaliação. Porém, a ansiedade quando não controlada diminui a qualidade dos nossos desempenhos (Magalhães, 1999).

Segundo Janeiro (2013) a ansiedade face às avaliações também é conhecida como ansiedade de desempenho a qual é uma experiência que quase todos os alunos enfrentam em o seu percurso acadêmico. Para muitos estudantes, de ambos os sexos, o momento das avaliações ou de testes é considerado uma das principais barreiras para o sucesso acadêmico.

A verdade é que para muitos alunos e alunas a situação de avaliação, além de ser considerada como um obstáculo na vida acadêmica, é visto como sinônimo de “teste”, os quais provocam um sentimento de incapacidade no alcance de resultados desejados, os alunos ainda sentem-se tão ameaçados que podem responder à tal situação com “ataques de ansiedade” (Magalhães, 1999).

Deve-se considerar ainda um fator bastante importante que pode de alguma forma estar presente influenciando em situações de apreensão vivenciadas pelos alunos na escola, que é o chamado autoconceito, a visão que o indivíduo possui dele mesmo, algo que é construído pelo indivíduo ao longo de sua vida, que pode ainda interferir negativamente ou positivamente no comportamento do aluno em situações de ansiedade.

O termo ansiedade refere-se a uma debilitante apreensão durante certo período de tempo, manifestando-se em indivíduos que vivenciam situações de estresse, como por exemplo, eventos competitivos ou testes educacionais. A ansiedade pode causar a sensação de ameaça e de falta de capacidade. (Moraes, 1990). As manifestações de ansiedade podem estar

associadas a situações de natureza passageira ou fazer parte de uma forma permanente de reação, própria do indivíduo.

Alguns estudos, os quais serão descritos posteriormente, revelam que altos níveis de ansiedade podem acarretar efeitos negativos no desempenho acadêmico dos alunos, e que a ansiedade pode afetar tanto alunos com alto como com baixo desempenho. Diante disso, questiona-se: Existe relação entre o nível de ansiedade do aluno, seu autoconceito e desempenho escolar?

Partindo desse ponto considera-se que no presente estudo o foco da ansiedade é o contexto escolar, onde existem diversas situações causadoras de ansiedade, e quando se trata de avaliação, considera-se ainda que existe expectativas de bons resultados sob o aprendente, que, muitas vezes se sente pressionado diante de tal situação.

Entretanto é de fundamental importância traçar estudos que busquem identificar a relação existente entre ansiedade, autoconceito e desempenho escolar, pois através de uma análise sobre os níveis de ansiedade apresentados e da visão que os alunos têm sobre eles pode-se pensar estratégias que permita ao aluno autorregular suas emoções em situações necessárias, de forma que não interfira negativamente no seu desempenho escolar.

Diante do exposto, este trabalho objetivou conhecer e analisar a relação entre ansiedade, autoconceito e o desempenho escolar em crianças do ensino fundamental. Especificamente, identificar o nível de ansiedade dos alunos do ensino fundamental antes de realizar uma avaliação de aprendizagem, identificar o desempenho escolar de crianças do ensino fundamental, correlacionar o nível de ansiedade com o desempenho escolar, correlacionar autoconceito e ansiedade e comparar níveis de ansiedade entre alunos de escola pública e privada e entre sexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE HISTÓRICO DE ANSIEDADE

Tratando-se de uma perspectiva histórica, conta-se que desde a civilização grega até a idade moderna, se falava sobre ansiedade, porém sua conceitualização e estudos sobre, eram praticamente inexistente antes do século XIX. O medo e a ansiedade sempre foram vistos como aspectos do comportamento humano. No mundo grego a noção que dominava na época era a de tranquilidade, o que se caracteriza como o inverso de ansiedade, por isso não há grandes referências a este fenômeno durante esse tempo, anteriormente, na idade média a

compreensão e tratamento de fenômenos ansiogênicos estava atrelada a religião (Silverman & Treffers, 2001) e assim permaneceu até os séculos XV e XVI.

Tempos depois o ser humano começou a ser visto como o centro das preocupações espirituais e de estudos científicos, porém a ciência ainda era prisioneira de autoridades religiosas. Só no século XVIII surgiram as primeiras referências à ansiedade, quando em 1700, Francis Hutcheson, dá as primeiras explicações sobre medo, e anos depois James Long, apresenta uma relação de ansiedade e incerteza (Silverman & Treffers, 2001).

Os primeiros casos clínicos de crianças que apresentaram sintomas de ansiedade surgiram apenas no século XX. No ano de 1909, Freud publicou o caso de um menino de cinco anos que apresentou um quadro de neurose fóbica (medo de determinados lugares, situações e objetos), porém o interesse pelo tema ansiedade infantil só pôde ser observado em meados da década de 40. A literatura neste campo cresceu e desenvolveu-se desde então até os nossos dias, e revelou estudiosos bastante atentos a esta problemática cujas investigações se tornaram importantes na divulgação e consolidação dos conhecimentos referentes à ansiedade. Diante disso a principal preocupação foi conceituar este fenômeno, houve então o interesse de vários estudiosos pela temática ansiedade (Magalhães, 1999). Atualmente pesquisa-se bastante sobre o assunto, considerando seus diversos aspectos contextuais, emocionais e cognitivos e suas influências mútuas na compreensão desta.

2.2 ANSIEDADE COMO UMA ALTERAÇÃO DAS EMOÇÕES

É comum ouvirmos as pessoas dizerem: “Estou ansioso!”. Portanto a palavra ansiedade não nos é estranha, e conseqüentemente é fácil identificar momentos em que apresentamos esse sentimento. Por exemplo, alunos e alunas sabem dizer claramente que estão ansiosos quando se aproximam as avaliações ou um acontecimento importante. Há casos extremos em que ficam de tal forma ansiosos que experimentam sintomas diversos de desajustamentos físicos e psicológicos (Magalhães, 1999).

As manifestações de ansiedade podem estar associadas a acontecimentos ou situações de natureza passageira ou pode ser uma maneira estável e permanente de reagir, baseado na própria constituição individual. Além disso, a sua intensidade pode variar de baixos níveis, ou imperceptíveis até níveis extremamente elevados, capazes de causar perturbações aos indivíduos. A ansiedade aparece em situações diferentes e em qualquer faixa etária (Joly & Oliveira, 2012).

Caracterizando a Ansiedade apresentam-se três indicadores: o cognitivo, os motores e os somáticos. A preocupação provocada pela possibilidade de exposição a uma situação temerária é o principal indicador cognitivo da ansiedade. (Reppold & Hultz, 2013).

Os indicadores somáticos da ansiedade se distribuem em dois grupos: os sintomas que são resultados da estimulação imediata do sistema nervoso autônomo (palpitações, náuseas, tremores, sudorese, hiperventilação, aceleração cardíaca, parestesia, etc.) e aqueles que são resultados da estimulação prolongada desse sistema (cefaléias, fadiga, tonturas, problemas musculares, dificuldades gástricas, etc.) (APA, 2002).

Associados a esses, ainda estão os indicadores motores, percebidos por meio de sensações de agitações psicomotoras, inquietação do indivíduo, atitudes impacientes e respostas de susto inconvenientes (APA, 2002). A presença dessas características contribuem para o agravamento de um quadro de ansiedade, não só pelos déficits funcionais que esses sintomas podem causar em sua manifestação mas também pelos prejuízos sociais e acadêmicos que podem acarretar.

Os autores Vasconcelos, Costa e Barbosa (2008), definem ansiedade como um fenômeno que pode ser vivenciado pelos seres humanos diversas vezes ao longo da vida. Funciona como sinal de alerta para situações de perigo. Assim, a ansiedade prepara o organismo para tomar as medidas ou decisões necessárias em situações de ameaça.

Spielberger (1970 *apud* Portal Educação 2009), distinguiu a ansiedade como uma tendência estável do traço da personalidade e ansiedade como o estado emocional de reação a situações percebidas como ameaçadoras. Diante disso o autor apresenta duas visões: O estado de ansiedade é considerado como um estado emocional que pode se apresentar como passageiro ou como condição do organismo de responder a futuras situações de perigo, se caracteriza por sentimentos desagradáveis percebidos pelo indivíduo e pelo aumento da atividade do sistema nervoso autônomo. O traço de ansiedade trata-se das diferenças individuais relacionadas à ansiedade, ou seja, a tendência de cada pessoa a reagir de forma diferente a uma situação percebida como ameaçadora.

2.3 ANSIEDADE E SUAS RELAÇÕES COM O DESEMPENHO ESCOLAR

Segundo Oliveira e Duarte 2004, a tensão, incerteza e preocupação em relação ao futuro, são componentes característicos importantes da ansiedade que podem interferir na aprendizagem e no desempenho geral do indivíduo. Loos (2004) em seus estudos defende que altos níveis de ansiedade podem interferir de forma negativa no desempenho escolar dos alunos, ou seja, os alunos mais ansiosos tendem a ter um baixo desempenho acadêmico. Vale ressaltar que alguns estudos mostram que alunos bem sucedidos também experienciam situações de ansiedade pela quantidade de expectativas existentes sob eles, no caso de alunos que já apresentam baixo desempenho, se as situações de fracasso se repetem, a ansiedade surge como consequência do desempenho pobre. Ainda se referindo ao desempenho escolar, o estudo realizado por Jolly e Oliveira (2012) mostra que alunos que estão na faixa etária de até 10 anos apresentaram maior insatisfação com situações escolares e de aprendizagem, o que diferencia dos estudantes mais velhos, na faixa etária de 11 a 13 anos de idade.

Existem diversas variáveis as quais podem apresentar níveis de ansiedade diferentes entre si, como por exemplo, a variável sexo. Estudo realizado por Singh, Morais e Ambrosano (2000), explorou as diferenças de gênero em 364 crianças da faixa etária de 7 a 13 anos, e demonstram que meninas são mais ansiosas que meninos e ainda que crianças mais velhas são mais ansiedade que as mais novas. Diante disso leva-se em consideração que as meninas se preocupam mais com a aprovação social que os meninos, deve-se levar em consideração ainda o tipo de escola em que a criança estuda, estudos mostram que isso pode estar relacionado a ansiedade, Jatobá e Bastos (2007) realizaram um estudo sobre ansiedade e depressão em alunos de escola pública e privada da cidade de Recife e quanto a ansiedade obtiveram os seguintes resultados: os alunos de escola pública apresentam nível de ansiedade moderada e os alunos de escola privada apresentam níveis severos de ansiedade.

Existe ainda a ansiedade relacionada a disciplinas específicas, é muito comum ouvir alunos dizerem que não conseguem aprender matemática ou até mesmo que apresentam muita dificuldade em matemática, isso pode ser resultado de ansiedade à disciplina, quando muitas vezes existe a insatisfação aos resultados obtidos na disciplina.

De acordo com Fragoso 2001, dificuldades na aprendizagem da Matemática podem não estar relacionadas às dificuldades ou complexidade da disciplina em si, mas a fatores emocionais acarretados de processos pedagógicos mal direcionados em sala de aula. Corroborando o que diz Fragoso (2001), Carmo (2010) sugere que experiências negativas em

sala de aula podem gerar nos estudantes, sentimentos de aversão à Matemática, expectativas negativas e concepções inadequadas sobre a disciplina.

Com o objetivo de verificar em qual etapa de ensino os conceitos sobre a matemática se apresentam como negativas e avaliar qual o nível de ansiedade apresentados pelos alunos em relação à disciplina, Araújo e cols. (2006 *apud* Joly & Oliveira 2012), utilizaram a escala de ansiedade matemática e revelaram que conforme a série aumenta, a ansiedade também aumenta, ou seja, quanto maior a série maior o nível de ansiedade apresentado pelos alunos em relação a disciplina de matemática.

Geary (1996) informa que os indivíduos que apresentam ansiedade à matemática, costumam resolver problemas matemáticos mais rápido, sejam eles simples ou complexos, porém os mesmos apresentam um maior número de erros quando são comparados a indivíduos com um menor nível de ansiedade, o que pode caracterizar fuga à situação.

2.4 ANSIEDADE FACE ÀS AVALIAÇÕES

Ao longo das décadas de 50 e 60 do século XX, a ansiedade face às avaliações foi definida como um construto que apresenta dois componentes um afetivo e um cognitivo, os quais são mediadores que interferem nas respostas irrelevantes para as avaliações, traduzindo-se numa necessidade de evitar o insucesso escolar (Soares, 2002). Portanto, pode-se dizer que aos indivíduos que apresentam ansiedade face às avaliações costumam estar sempre motivados a evitar o insucesso escolar, tendo em vista que é uma situação que lhe oferece perigo, por ser algo não desejado e visto como uma resposta negativa.

Segundo Sarason 1972, afirma que só no início da década de 70 do século XX, a ansiedade face às avaliações começou a ser vista como um fenômeno cognitivo-atencional, estudiosos diziam que as pessoas que consideradas ansiosas eram aquelas que apresentavam uma preocupação em relação a sua competência diante de uma determinada tarefa, apresentando muitas vezes sintomas fisiológicos.

A ansiedade face às avaliações é uma das realidades com a qual os alunos e alunas têm de se confrontar em seu progresso acadêmico. O conhecimento de que altos níveis de ansiedade face aos testes diminuem a qualidade no desempenho dos alunos, tornou-se uma preocupação por parte dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. (Magalhães, 1999).

A ansiedade face aos exames/avaliações é uma constante na vida de qualquer estudante, pois o aumento da ansiedade pode desenvolver sentimentos desagradáveis. Este

construto, aliado a outras pressões, como o medo exagerado do insucesso escolar, às exigências e expectativas geradas pelos alunos, poderá influenciar o desempenho escolar, inclusive no desempenho das provas finais, interferindo, assim, no rendimento acadêmico do mesmo (Janeiro, 2013). Além do mais, os fatores físicos se tornam cada vez mais presente quando o indivíduo é exposto a situações que provocam o sentimento de ansiedade. O desempenho escolar do aluno pode estar relacionado também a outros fatores, como por exemplo, a estratégia de estudo utilizada, que não é suficiente para a realização de uma tarefa ou até mesmo de uma avaliação, faz com que o aluno se sinta incapaz de resolver o que lhe é proposto.

O sistema de classificação por notas submete o aluno a uma competição pela realização pessoal no desejo de ser aceito e valorizado pela família e pela sociedade. O fracasso pode levar o indivíduo a acreditar que só os bem sucedidos são amados e a possibilidade de fracassar e não ser amado gera sofrimento, tensão e ansiedade.

2.5 AUTOCONCEITO E APRENDIZAGEM

Segundo Hidalgo e Palácios (1995), o autoconceito refere-se ao conhecimento que um indivíduo tem de si mesmo, características que costumamos utilizar para nos descrever. As crianças em idade pré-escolar apresentam autoconceito concreto, e suas autopercepções estão ligadas a características visíveis, ou seja, suas características físicas. Na idade escolar, o autoconceito concreto muda gradativamente e começa-se a perceber uma autodefinição mais abstrata, mais generalizada e comparativa, passando a apresentar um conteúdo de caráter psicológico, cognitivo e social.

Aos poucos, o self (eu) passa a ser visto e descrito mais em termos internos e psicológicos e menos em atributos físicos e externos. Ao mesmo tempo que ocorre a elaboração dos aspectos psicológicos do seu autoconceito, a criança vai descobrindo e elaborando a proporção social do seu eu. No período da pré-adolescência quando as habilidades de pensar e refletir sobre seus próprios pensamentos e comportamentos manifestam-se, o autoconceito torna-se muito instável, pelo fato de haver uma grande influência da percepção dos outros sobre si mesmo (Kansi, Wichstrom & Bergman, 2003).

A dificuldade escolar pode gerar um círculo vicioso do fracasso, ou seja, quanto pior for a visão da criança sobre si mesma, mais ela estará vulnerável ao insucesso, e menos poderá ser sua aprovação a partir de seu desempenho (Linhares & cols., 1993). Chapman e Tunner (1997) corroboram quando apresentam que as experiências positivas de aquisições de

leitura estão associadas ao autoconceito positivo nos primeiros anos de escolarização formal, ou seja, as crianças mais novas ou nos primeiros anos de escolarização formal apresentam um autoconceito mais positivo.

Alguns estudos revelam que crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam autopercepção negativa sobre si mesma e sobre seu comportamento quando comparadas a crianças que tem rendimento satisfatório e aquelas que tem baixo rendimento, porém não apresentam nenhuma dificuldade de aprendizagem (Beltempo & Achile, 1990; Clever, Bear & Juvonen, 1992; Leondari, 1993; Jackson & Bracken, 1998). Stevanato, Loureiro, Linhares, & Marturano (2003) apresentam que as crianças com dificuldades de aprendizagem costumam apresentar um autoconceito negativo, Kloomok & Cosden (1994), também relatam que as crianças com autoconceito negativo apresentam também uma percepção negativa quanto suas habilidades cognitivas quando comparadas as crianças com autoconceito positivo.

Os autores Roeser & Eccles (2000) defendem que crianças com dificuldades emocionais e comportamentais podem apresentar problemas acadêmicos, os quais podem afetar também sentimentos e comportamentos destas crianças. Essas dificuldades podem ser expressadas de forma internalizada ou externalizada, alguns autores acreditam que crianças com baixo desempenho acadêmico e atribuem isso a incompetência pessoal costumam apresentar baixa auto-estima, duvidas sobre si mesma, sentimentos de vergonha e também distanciamento das demandas de aprendizagem, o que caracteriza comportamentos internalizados. Já as crianças que atribuem as dificuldades acadêmicas à influência externa de pessoas apresentam sentimento de raiva além de distanciamento das demandas de aprendizagem (Stevanato e cols. 2003). Esses autores afirmam ainda que comportamentos relacionados com o fracasso escolar, como por exemplo, raiva, inferioridade, frustração e agressividade podem gerar problemas comportamentais nas crianças.

As vivencias escolares desenvolvem um papel fundamental na formação das autopercepções das crianças. Diante disso Elbaum & Vaughn (2001) afirmam que as crianças com dificuldades de aprendizagem correm grande risco de terem um autoconceito negativo quanto à área acadêmica.

Lidar com o insucesso escolar, com o baixo desempenho, com dificuldades no campo acadêmico e tantas outras implicações para a auto-avaliação da criança, não é visto como uma tarefa fácil por pais, professores e sociedade, o que faz com que surja a necessidade de se buscar alternativas para minimizar tal situação (Stevanato, Loureiro, Linhares, & Marturano 2003).

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa não experimental com delineamento correlacional, com vistas à análise de variáveis relativas ao contexto e aos participantes.

3.2 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 52 alunos, sendo 32 de escola privada (61,54%) e 20 de escola pública (38,46%) da cidade de João Pessoa. A amostra é composta de 20 meninos (38,46%) e 32 meninas (61,54%), onde a idade varia de 11 a 19 anos. Todos os participantes são alunos no 7º ano do ensino fundamental. Tratou-se de uma amostra por conveniência, onde participaram aqueles que se disponibilizaram a fazer parte do estudo.

Foram utilizados como critérios de inclusão: estar regularmente matriculado na escola na qual houve a realização da coleta de dados, apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo responsável e estar cursando o 7º ano do ensino fundamental II, por não ser uma turma que acabou de avançar o nível de escolaridade e por não sofrer tantas expectativas relacionadas ao exame do vestibular, pode-se dizer que está na média do ensino fundamental II. Como critérios de exclusão tem-se: não estar regularmente matriculado na escola a qual houve a coleta de dados, não apresentar o Termo de Consentimento Livre e esclarecido assinado corretamente pelos pais e não estar cursando o 7º ano do ensino fundamental II.

3.3 INSTRUMENTOS

Para a realização da pesquisa foi utilizada duas Escalas de avaliação, uma para avaliar o nível de ansiedade dos alunos face à uma avaliação e outra para avaliar o auto-conceito dos mesmos.

“MASC” – Escala Multidimensional de Ansiedade para Crianças. A escala foi validada pela Psic. Michelle Moreira Nunes e adaptada pelas autoras da pesquisa para contemplar os objetivos desta pesquisa. Consiste em 39 questões sobre como você vem se sentindo, o que você tem pensado, tem sentido ou como tem agido recentemente, apresentando sintomas de ansiedade, para cada quesito da escala há quatro opções de resposta onde, se o que a sentença diz é verdade sobre você muitas vezes, circule 3. Se ela é verdade sobre você algumas vezes,

circule 2. Se a sentença é verdade sobre você uma vez ou outra, circule 1. Se dificilmente ou nunca a sentença é verdade sobre você, circule 0.

ESCALA DE AUTO-CONCEITO (Piers-Harris Children's Self-Concept Scale 2). A escala foi desenvolvida por Piers & Harris na década de 60, sendo inicialmente constituída por 80 itens, em 2002 foi reduzida a 60 itens por Piers & Herzberg e adaptada a população brasileira por Feliciano Viega em 2006. Consiste em 60 questões sobre como as pessoas se sentem em relação a si mesmas apresentando sintomas de ansiedade, para cada questão há duas possibilidades de resposta: sim e não. Se for verdadeiro ou verdadeiro em grande parte põe um círculo em volta da palavra "Sim", que está a seguir à frase. Se for falso ou falso em grande parte põe um círculo em volta da palavra "Não".

Para avaliar o desempenho escolar dos alunos, foi realizado um levantamento das médias do 1º bimestre da disciplina de matemática, por ser a disciplina que mais causa preocupações nos alunos. As escalas utilizadas para avaliar a ansiedade dos alunos e o autoconceito encontram-se em anexo.

3.4 PROCEDIMENTOS

Foi realizado contato prévio com as escolas, pública e privada da cidade de João Pessoa, onde foi apresentado o projeto com o intuito de obter a autorização para a aplicação dos instrumentos, foi agendado data e horário para a coleta de dados em ambas as escolas. A aplicação do instrumento foi realizada pelo pesquisador, nas salas de aula em horário regular, no ato foi informado a voluntariedade da participação, do caráter anônimo e confidencial das informações. Uma vez concordado com a participação no estudo, foi solicitada a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), pelos pais dos participantes baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pela Resolução n. 466/12 do CNS/MS, tendo em vista que todos eram menores de idade.

A coleta de dados aconteceu em duas etapas em ambas as escolas, um dia de aula regular onde foi aplicada a escala de Autoconceito e um dia de avaliação que aplicou-se a escala de Ansiedade, em ambos os dias e momentos, foram dadas todas as instruções necessárias, e tiradas as dúvidas surgidas. Os instrumentos foram aplicados de forma coletiva, porém respondidos individualmente por cada participante e tiveram uma duração média de 30 minutos cada um. A escala de avaliação de ansiedade foi aplicada em um dia de avaliação de aprendizagem, antes da aplicação da mesma, e a escala de autoconceito foi aplicada em um

dia comum de aula. Com o intuito de avaliar o desempenho escolar dos participantes foi necessário que se obtivesse as notas bimestrais dos alunos participantes.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados de forma quantitativa com auxílio do programa estatístico SPSS versão 22 (Statistical Package for the Social Science), que permitiu a caracterização do grupo amostral, e a identificação do que se busca com o estudo especificamente.

Para correlacionar autoconceito, ansiedade com desempenho escolar, foi realizada a soma das variáveis das escalas individualmente. Utilizou-se o Teste de U de Man-Whitney para comparar a correlação entre ansiedade e auto-conceito nas escolas pública e privada, e para correlacionar as variáveis sexo, além de correlacionar a idade com as demais variáveis estudadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo objetivou, de forma geral, analisar a relação existente entre ansiedade, auto-conceito e desempenho escolar, portanto passasse a descrever os dados referentes as variáveis investigadas, além da descrição geral da amostra (média, desvio padrão, valores mínimo e máximo), contida na tabela 1 a seguir.

Tabela 1. Análise descritiva dos resultados.

	Idade do participante	Desempenho dos alunos (Média Bimestral)	Escore total da escala de autoconceito	Escore total da escala de ansiedade
Média	12,41	7,588	26,02	25,14
Desvio Padrão	1,499	1,3495	3,568	8,803
Mínimo	11	4,0	18	8
Máximo	19	10,0	33	50

Referindo-se a análise estatística, a partir dos dados obtidos com a aplicação das escalas de autoconceito e de ansiedade e o levantamento do desempenho escolar dos alunos, foram calculadas as correlações entre autoconceito e idade, ansiedade e idade. Considerou-se como desempenho acadêmico apenas as notas das disciplinas de matemática, tendo em vista que é a disciplina mais preocupante quando trata-se de ansiedade escolar.

No presente estudo utilizou-se a correlação de Spearman (r), cujos coeficientes obtidos encontram-se na tabela 2 a seguir.

Tabela 2. Correlações das variáveis estudadas.

	Idade	Auto-Conceito	Ansiedade	Desempenho escolar
Idade	1,000	-0,221	0,544**	0,328*
Auto-Conceito		1,000	-0,314*	0,141
Ansiedade			1,000	-0,221
Desempenho escolar				1,000

* A correlação é significativa no nível 0,05

**A correlação é significativa no nível 0,01

Como apresentado na Tabela 2 os cálculos da correlação entre autoconceito e idade, revelou uma correlação baixa, porém estatisticamente significativa e negativa ($r = -0,22$; $p = 0,03$), o que quer dizer que quanto maior a idade dos alunos, menor é o autoconceito dos mesmos. Chapman e Tunner (1997) ao analisarem a relação entre autoconceito e o início da aquisição da leitura/aprendizagem perceberam que as experiências positivas de aquisições de leitura estão associadas ao autoconceito positivo nos primeiros anos de escolarização formal. Com isso pode-se dizer que nos primeiros anos de escolarização formal as crianças apresentam um autoconceito mais positivo.

Já nos cálculos das variáveis de ansiedade e idade, percebe-se a existência de correlação moderada, positiva e significativa ($r = 0,54$; $p < 0,01$), destaca-se que quanto maior a idade do aluno maior é o nível de ansiedade, na amostra investigada. Os resultados obtidos nessa correlação concordam com os resultados dos estudos realizados por Singh, Morais e Ambrosano (2000), os quais realizaram estudos em crianças de 7 a 13 anos, e os resultados apontaram que crianças mais velhas demonstram ser mais ansiosas que as mais novas, por existirem mais expectativas sobre elas.

Os resultados apontados nas correlações entre as variáveis: idade e desempenho escolar mostram uma correlação negativa, mas não significativa ($r = -0,32$; $p = 0,02$), o que diz que quanto maior a idade do aluno menor será seu desempenho escolar. Os estudos realizados por Jolly e Oliveira (2012) apresentam um resultado que discorda dos que foram obtidos nesse estudo, sem suas pesquisas foi possível perceber que alunos mais novos apresentaram maior insatisfação com situações escolares e de aprendizagem, o que diferencia dos estudantes mais velhos.

Em relação a ansiedade e desempenho mostra-se um resultado já esperado onde a correlação também é negativa ($r = -0,22$; $p > 0,1$), concluindo que quanto maior a ansiedade menor será o desempenho escolar dos mesmos. Segundo alguns autores, dentre eles Loos (2004) defendem a hipótese de que altos níveis de ansiedade podem interferir negativamente no desempenho acadêmico dos alunos. A ansiedade pode afetar tanto alunos com alto como com baixo desempenho, no caso de alunos com bom desempenho podem ficar ansiosos por causa de expectativas colocadas sob eles, dos pais, dos colegas e suas, em alunos com baixo desempenho acadêmico a ansiedade pode ser consequência disso.

Na correlação entre autoconceito e desempenho escolar, obteve-se o seguinte resultado ($r = 0,14$; $p > 0,001$), ou seja, quanto maior o autoconceito do aluno melhor será seu desempenho acadêmico. Stevanato e cols. (2003), apresentam que crianças com dificuldades de aprendizagem costumam apresentar um autoconceito negativo. Dessa forma quanto menor o desempenho escolar do aluno, menor será também seu autoconceito. Kloomok e Cosden (1994), corroboram com esse dado quando relatam que as crianças com autoconceito negativo apresentam também uma percepção negativa quanto as suas habilidades intelectuais em comparação com as crianças com autoconceito mais positivo.

Na pesquisa buscou-se também fazer uma comparação entre grupos (meninos X meninas; escolas públicas X privadas) com o objetivo de avaliar níveis de ansiedade e autoconceito dos mesmos, com a hipótese de que as meninas cobrem mais de si mesmas que os meninos e que sob os alunos de escola privada existem mais cobranças e expectativas, utilizou-se o teste de U de Mann-Whitney, e os resultados apontam que quanto a autoconceito ($U = 436,5$; $p = 0,026$) e ansiedade ($U = 225$; $p = 0,074$), portanto quanto a variável sexo, os resultados apontam que os meninos apresentam um melhor autoconceito que a meninas e em relação a ansiedade os resultados não foram significativos, porém as meninas apresentam uma tendência a ser mais ansiosas que os meninos. Os resultados obtidos no estudo corroboram com estudos realizados por Singh, Morais e Ambrosano (2000), os quais exploraram as diferenças de gênero em crianças de faixa etária de 7 a 13 anos e os resultados demonstraram que as meninas são mais ansiosas que os meninos, diante desses resultados os autores consideram que as meninas se preocupam mais com a aprovação social que os meninos. Os autores Rosa, Souza e Baldwin (2000) explicam o fato da diferença na variável sexo ser devido a expectativa que envolve o comportamento feminino pelo fato de que a nossa cultura permite mais liberdade ao sexo masculino que o feminino. Outros fatores na opinião de Silverman et al. (1995) que podem explicar esse resultado entre os sexos feminino e

masculino é que as mulheres se preocupam mais com aspectos relacionados a saúde, segurança social e escola.

Quanto à comparação de grupos de escola pública e privada, utilizou-se também o teste de U de Mann-Whitney, e os resultados apontam que quanto a autoconceito ($U = 437,5$; $p = 0,026$) e a ansiedade ($U = 285,5$; $p = 0,51$), portanto quanto a variável tipo de escola, os resultados apontam que existe uma tendência para que os alunos de escola pública sejam mais ansiosos que os alunos de escola privada. Os estudos realizados por Jatobá e Bastos (2007) discordam desse resultado, pois suas pesquisas revelam que os alunos de escola pública apresentam nível de ansiedade moderada e os alunos de escola privada apresentam níveis severos de ansiedade.

Com esse estudo foi possível analisar as variáveis ansiedade, autoconceito e desempenho acadêmico no contexto escolar e perceber as relações existente entre elas, foi possível observar também, por meio dos resultados obtidos que as correlações entre essas variáveis ocorrem em diferentes aspectos, seja entre sexo, tipos de escola, idade e como elas se relacionam com o desempenho escolar dos alunos. Estudos como este, que analisem ansiedade e autoconceito no contexto escolar poderiam viabilizar criação de estratégias para que os alunos autorregulassem suas emoções para não houvesse consequências em seu desempenho escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar dos anos a ansiedade foi ganhando espaço no campo científico, quando começaram surgir as primeiras referências sobre o assunto. Diversos estudos mostram que a ansiedade pode apresentar uma relação com o desempenho escolar de alunos, e que o baixo desempenho pode estar relacionado também com o autoconceito dos mesmos.

No presente estudo buscou-se analisar a relação existente entre ansiedade, autoconceito e desempenho escolar, especificamente, identificar o nível de ansiedade dos alunos antes de realizar uma avaliação, identificar o desempenho escolar de crianças do ensino fundamental, correlacionar o nível de ansiedade com o desempenho escolar, correlacionar autoconceito e ansiedade e comparar níveis de ansiedade entre alunos de escola pública e privada. Diante disso a hipótese de pesquisa era que a variação significativa de tais variáveis influenciam negativamente no desempenho acadêmico dos alunos.

Com os resultados obtidos no estudo, pode-se afirmar que os mesmos concordam com a hipótese de pesquisa apresentada, ou seja, que existe relação entre ansiedade, autoconceito e

desempenho escolar, porém sem muita significância, talvez uma amostra com um número maior de participantes apresente um maior nível de significância nos resultados os quais apontam alguns dados que já eram esperados, como por exemplo, quanto maior o nível de ansiedade menor será o desempenho escolar do aluno, e que as meninas apresentam maior nível de ansiedade que os meninos, por se preocuparem mais com a aprovação social.

Os resultados encontrados na pesquisa são de fundamental importância para a vertente psicopedagógica, não só por estar relacionado a aprendizagem, mas por serem dados que podem contribuir para que a aprendizagem aconteça da melhor forma possível, sem que exista prejuízos acarretados pela variação dos níveis de ansiedade e de autoconceito, a partir disso cabe a escola, ao professor e também aos alunos desenvolver estratégias para autorregulação de suas emoções, e desenvolverem também estratégias motivacionais para levantar a auto-estima dos alunos e conseqüentemente melhorar o auto-conceito dos mesmos.

Como limitações do estudo pode-se apontar a literatura desatualizada, ressaltar também algumas dificuldades encontradas para a realização da pesquisa, a autorização dos pais para a participação dos alunos, a dificuldade de obter algumas informações da escola, como as notas dos alunos. Com a realização do estudo pretende-se ampliar estudos na área e transformá-lo em um projeto para um futuro mestrado, numa perspectiva mais ampla, com uma maior amostra, para que se obtenha resultados mais precisos e significantes.

REFERÊNCIAS

- Associação Americana de Psiquiatria. (2002). *DSM IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Beltempo, J. & Aquiles, P. A. (1990). O efeito da colocação de classe especial no conceito de auto de crianças com dificuldades de aprendizagem. *Child Study Journal* 20 PP. 81-103.
- Carmo, J. S. (2010). Produção de erros no ensino e na aprendizagem: implicações para a interação professor-aluno. In: Mizukami, M. G. N.; Reali, A. M. M. R. (Org.). *Aprendizagem profissional da docência: saberes, contextos e práticas*. São Carlos, SP: EDUFSCar/INEP/COMPED PP. 211-227.
- Chapman, J. W. & Turner, W. E. (1997). Um estudo longitudinal de aquisição de leitura e leitura de auto-conceito. *British Journal of Educational Psychology*, 67, 279-291.
- Clever, A., Bear, G. & Juvonen, J. (1992). Discrepâncias entre competência e importância na auto-percepção de crianças em classes integradas. *O Jornal de Educação Especial* 26 PP. 125-138.
- Elbaum, B. & Vaughn, S. (2001). Intervenções escolares para melhorar o auto-conceito dos alunos com dificuldades de aprendizagem: a meta-análise. *O Jornal Elementary School*, 10 (3), 303-329.
- Fragoso, W. C. (2001). O medo da matemática. *Revista Educação* 26 (2) PP 95-109.
- Geary, D. C. (1996). *Desenvolvimento matemático de crianças: pesquisa e aplicações práticas*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Gomes, D. A. G. (2014). Construção da escala cognitiva e comportamental de ansiedade social. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
- Hidalgo, V., & Palácios, J. (1995). Desenvolvimento da personalidade dos 6 aos 12 anos. In C. Coll, J. Palácios, & A. Marchesi (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia evolutiva* PP. 243-260. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jackson, D. L. & Bracken, B. A. (1998). Relação entre estudantes, status social e global e de domínio, Auto específica, Conceitos. *Journal of School Psychology* 36 PP. 233-246.
- Janeiro, A. C. C. (2013). Ansiedade aos exames/avaliações: estudando e caracterizando este fenômeno no ensino básico e secundário. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação.

Jatobá, J. D. V. N. & Bastos, O. (2007). Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *J Bras Psiquiatr*, 56(3) PP. 171-179.

Jolly, M. C. & Oliveira, S. M. (2012). Avaliação da ansiedade escolar em alunos do ensino fundamental. *Psicol. Trujillo* 14(1) PP. 21-30.

Kansi, J., Wichstrom, L., & Bergman, L.R. (2003). Problemas e auto-conceito: Resultados baseados em uma amostra representativa das adolescentes norueguesas. *Journal of Youth e Adolescência*, 32 (5) PP. 325-335.

Kloomok, S., & Cosden, M. (1994). Auto-conceito em crianças com dificuldades de aprendizagem: a relação entre auto-conceito global, auto-conceito acadêmico, auto-conceito não acadêmico, e auto-conceito social. *Dificuldade de aprendizagem Quarterly*, 17, 140-153

Leondari, A. (1993). Comparabilidade do auto-conceito entre crianças normais, com fraco aproveitamento e crianças com dificuldades de aprendizagem. *Educational Studies*, 19 PP. 357-371.

Loos, H. (2004) Ansiedade e aprendizagem: um estudo com díades resolvendo problemas algébricos. *Estudos de psicologia*, 9(3) PP. 563 – 573.

Magalhães, A. (1999). Ansiedade face aos testes, gênero e rendimento acadêmico: um estudo no ensino básico. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar.

Moraes, L. C. (1990). Ansiedade e Desempenho no Esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 4(2), 51-56.

Oliveira, M. A. & Duarte, A. M. M. (2004). Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. *Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva* 6 PP. 183-200.

Okano, C. B.; Loureiro, S. R.; Linhares, M. B. M. & Marturano, E. M. (2004). Crianças com Dificuldades Escolares Atendidas em Programa de Suporte Psicopedagógico na Escola: Avaliação do Autoconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 17(1), PP.121-128.

Portal Educação (2009). Aspectos gerais das escalas de avaliação de ansiedade. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/7871/aspectos-gerais-das-escalas-de-avaliacao-de-ansiedade#!6>. Acesso em: 24/11/2015.

Reppold, C. T. & Hutlz, C. S. (2013). Evidências de validade da escala de avaliação de ansiedade em adolescentes brasileiros. *Avaliação Psicológica* 12(2), PP. 131-136.

Roeser, R. W., & Eccles, J. S. (2000). Escolaridade e saúde mental. Em A. J. Sameroff, M. Lewis, & S.M. Miller (Orgs.), *Handbook of psicopatologia do desenvolvimento* (pp. 135-156). New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers.

Rosa, F. H. Souza, E. de & Baldwin, J. R. (2000) A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3) PP. 485-496

Sarason, I.G. (1972). Abordagens experimentais para testar a ansiedade: Atenção e os usos da informação. Em C.D, Spielberger (Ed.), *Ansiedade: tendências atuais na teoria e pesquisa* New York: *Academic Press* 2 PP. 383-403.

Silverman, W. K. & Treffers, P. D. (2001). Os transtornos de ansiedade em crianças e adolescentes. Pesquisa, avaliação e intervenção. U.K. : Cambridge University Press.

Silverman, W. K., La Greca, A. M., & Wasserstein, S. (1995). Com que as crianças se preocupam? Preocupações e sua relação com a ansiedade. *Desenvolvimento Infantil*, 66 PP. 671-686.

Singh, K. A.; Moraes, A. B. A. de; Ambrosano, G. M. (2000). Medo, ansiedade e controle relacionados ao tratamento odontológico. *Pesq Odont Bras*, 14(2) PP. 131-136.

Soares, S. F. (2002). A Ansiedade face aos Testes: um estudo no Ensino Básico. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Minho.

Stevanato, I. S.; Loureiro, S. R.; Linhares, M. B. M. & Marturano, E. M. (2003). Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo* 8 (1) PP. 67-76.

Vasconcelos, A. S.; Costa, C. & Barbosa, L. N. F. (2008). Do transtorno de ansiedade ao câncer. *Revista SBPH* 11(2), PP 51-71.

Viega, F. H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2). *Psicologia e Educação* 5 (1) PP. 39-48.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE

Caro Responsável/Representante Legal:

Gostaríamos de obter o seu consentimento para o menor _____, participar como voluntário da pesquisa intitulada: ANSIEDADE E DESEMPENHO ESCOLAR EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL, que se refere a um projeto de iniciação científica, desenvolvida pela aluna Edlane Rodrigues de Souza, do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba e sob orientação da Prof. Dr. Carla Moita Minervino, o qual será apresentado como requisito para a conclusão de curso.

O objetivo deste estudo é analisar a relação entre ansiedade e o desempenho escolar em crianças do ensino fundamental. Os resultados contribuirão para pensar estratégias que permita ao aluno autorregular suas emoções em situações necessárias.

A forma de participação consiste em responder a uma escala de avaliação de ansiedade e uma escala de autoconceito, ambas com perguntas pelas quais o participante responderá como está se sentindo.

O nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante o anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. Gostaríamos de deixar claro que a participação é voluntária e que poderá deixar de participar ou retirar o consentimento, ou ainda descontinuar a participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo de qualquer natureza.

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a pesquisadora. (Edlane Rodrigues de Souza, (83) 987801192 / edlanerodrigues.17@gmail.com).

Autorização concedida: () Sim () Não

Assinatura do Responsável: _____

APÊNDICE II

“MASC” – Escala Multidimensional de Ansiedade para Crianças

Validada pela Psic. Michelle Moreira Nunes

Adaptada por Edlane Rodrigues de Souza e pela Prf. Dr. Carla Moita Minervino

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: () Masc. () Fem. Data: ____/____/____ Série escolar: _____

Este questionário pergunta a você como você vem se sentindo, o que você tem pensado, tem sentido ou como tem agido recentemente. Para cada item, por favor, faça um círculo ao redor do número que indica com que frequência a afirmativa é verdadeira para você. Se o que a sentença diz é verdade sobre você muitas vezes, circule 3. Se ela é verdade sobre você algumas vezes, circule 2. Se a sentença é verdade sobre você uma vez ou outra, circule 1. Se dificilmente ou nunca a sentença é verdade sobre você, circule 0. Lembre-se, não há respostas certas ou erradas, responda apenas como você vem se sentindo recentemente.

Aqui estão dois exemplos para lhe mostrar como completar o questionário. No exemplo A, se você muito poucas vezes tem medo de cachorro, você deve circular 1, significando que a afirmativa raramente é verdadeira sobre você. No exemplo B, se às vezes os trovões o perturbam, você deve circular 2, significando que a afirmativa é às vezes verdade sobre você.

	Nunca é verdade sobre mim	Raras vezes é verdade sobre mim	As vezes é verdade sobre mim	Frequentemente é verdade sobre mim
Exemplo A: Eu tenho medo de cachorros	0	1	2	3
Exemplo B: Trovões me perturbam	0	1	2	3

Agora tente esses itens você mesmo.

Quando se aproximam as avaliações Eu Sinto:

		Nunca	Raras vezes	Às vezes	Frequentemente
1-	Eu me sinto tenso e nervoso.	0	1	2	3
2-	Sinto falta de ar	0	1	2	3
3-	Eu fico atento a tudo que me acontece.	0	1	2	3
4-	Não consigo me alimentar direito.	0	1	2	3
5-	Tenho poucas horas de sono.	0	1	2	3
6-	Eu fico tremendo ou inquieto	0	1	2	3
7-	Eu me esforço para obedecer meus pais e professores.	0	1	2	3
8-	Uso todo o meu tempo livre para estudar.	0	1	2	3
9-	Eu tenho tontura ou sensação de desmaio.	0	1	2	3
10-	Eu verifico as coisas antes de fazê-las.	0	1	2	3
11-	Eu me preocupo em ser chamado na classe.	0	1	2	3
12-	Eu me sinto desassossegado (sobressaltado).	0	1	2	3
13-	Eu tenho medo que os outros achem que sou bobo.	0	1	2	3
14-	Sinto dores no peito.	0	1	2	3
15-	Eu me sinto estranho, esquisito ou fora de realidade.	0	1	2	3
16-	Meu coração dispara ou “falha”.	0	1	2	3
17-	Eu evito coisas que me aborrecem.	0	1	2	3
18-	Eu tento fazer tudo exatamente do jeito certo.	0	1	2	3
19-	Eu fico com medo de não me sair bem nas avaliações.	0	1	2	3
20-	Eu sinto mal estar no estômago.	0	1	2	3
21-	Se eu fico aborrecido ou com medo eu conto logo pra alguém.	0	1	2	3
22-	Minhas mãos tremem.	0	1	2	3
23-	Eu preciso ter certeza que as coisas estão seguras.	0	1	2	3
24-	Minhas mãos ficam suadas ou frias.	0	1	2	3
25-	Eu sinto vergonha.	0	1	2	3

APÊNDICE III

ESCALA DE AUTO-CONCEITO (Piers-Harris Children's Self-Concept Scale 2)

Nome: _____

Idade: _____ Data de Nascimento: ____/____/____ Sexo: () Masculino () Feminino

Data de avaliação: ____/____/____ Ano de Escolaridade: _____

INSTRUÇÕES: Encontra-se no questionário que se segue, um conjunto de afirmações que descreve aquilo que algumas pessoas sentem em relação a si mesmas. Leia cada uma dessas afirmações e veja se ela descreve ou não o que você acha de si próprio. Se for verdadeiro ou verdadeiro em grande parte faça um círculo em volta da palavra "Sim", que está a seguir à frase. Se for falso ou falso em grande parte faça um círculo em volta da palavra "Não". Responda a todas as perguntas, mesmo que em relação a algumas, seja difícil de decidir.

Não assinale "Sim" e "Não" na mesma frase.

Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas. Só você pode dizer o que acha de si mesmo(a), por isso esperamos que responda de acordo com o que realmente sente.

1-	Os meus colegas de turma zoam de mim.	Sim	Não
2-	Sou uma pessoa feliz.	Sim	Não
3-	Tenho dificuldades de fazer amizades.	Sim	Não
4-	Estou triste muitas vezes.	Sim	Não
5-	Sou uma pessoa esperta.	Sim	Não
6-	Sou uma pessoa tímida.	Sim	Não
7-	Fico nervoso quando o professor me faz perguntas.	Sim	Não
8-	Minha aparência física desagrada-me.	Sim	Não
9-	Sou um chefe nas brincadeiras e no esporte.	Sim	Não
10-	Fico preocupado quando tenho teste na escola.	Sim	Não
11-	Não sou popular.	Sim	Não
12-	Comporto-me bem na escola.	Sim	Não
13-	Quando qualquer coisa corre mal, a culpa é geralmente minha.	Sim	Não
14-	Crio problemas a minha família.	Sim	Não
15-	Sou forte.	Sim	Não
16-	Sou um membro importante para a minha família.	Sim	Não

17-	Desisto facilmente.	Sim	Não
18-	Faço bem os meus trabalhos escolares.	Sim	Não
19-	Faço muitas coisas ruins.	Sim	Não
20-	Comporto-me mal em casa.	Sim	Não
21-	Sou lento a terminar trabalhos escolares.	Sim	Não
22-	Sou um aluno importante da minha turma.	Sim	Não
23-	Sou nervoso.	Sim	Não
24-	Sou capaz de dar uma boa impressão perante a turma.	Sim	Não
25-	Na escola fico distraído pensando em outras coisas.	Sim	Não
26-	Os meus amigos gostam das minhas ideias.	Sim	Não
27-	Me meto em problemas frequentemente.	Sim	Não
28-	Tenho sorte.	Sim	Não
29-	Preocupo-me muito.	Sim	Não
30-	Meus pais esperam muito de mim.	Sim	Não
31-	Gosto de ser como eu sou.	Sim	Não
32-	Sinto-me colocado de lado.	Sim	Não
33-	Tenho o cabelo bonito.	Sim	Não
34-	Na escola, ofereço-me várias vezes como voluntário.	Sim	Não
35-	Gostaria de ser diferente daquilo que sou.	Sim	Não
36-	Odeio a escola.	Sim	Não
37-	Sou sempre um dos últimos a ser escolhido para jogos e esporte.	Sim	Não
38-	Muitas vezes sou antipático com as outras pessoas.	Sim	Não
39-	Os meus colegas da escola acham que eu tenho boas ideias.	Sim	Não
40-	Sou infeliz.	Sim	Não
41-	Tenho muitos amigos.	Sim	Não
42-	Sou alegre.	Sim	Não
43-	Sou estúpido em relação a muitas coisas.	Sim	Não
44-	Sou bonito.	Sim	Não
45-	Meto-me em muitas brigas.	Sim	Não
46-	Sou popular entre os meninos.	Sim	Não
47-	A minha família está desapontada comigo.	Sim	Não
48-	Tenho um rosto agradável.	Sim	Não
49-	Quando for maior, vou ser uma pessoa importante.	Sim	Não
50-	Nas brincadeiras e nos esportes, observo em vez de participar.	Sim	Não
51-	Esqueço o que aprendo.	Sim	Não
52-	Me dou bem com os outros.	Sim	Não
53-	Sou popular entre as meninas.	Sim	Não
54-	Gosto de ler.	Sim	Não
55-	Tenho medo muitas vezes.	Sim	Não
56-	Sou diferente das outras pessoas.	Sim	Não
57-	Penso em coisas ruins.	Sim	Não
58-	Choro facilmente.	Sim	Não
59-	Sou uma boa pessoa.	Sim	Não

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me iluminou, me deu forças e me sustentou durante esta longa e gratificante caminhada.

A minha família, pelo apoio durante todo o tempo, em especial a minha mãe Eliane, minha tia Maria do Carmo e meu noivo Wagner, pelo incentivo, força e confiança que me deram.

A minha orientadora a Prof. Dra. Carla Moita Minervino, pela sua ajuda, carinho e dedicação para comigo na construção desta pesquisa, e ainda por ser um exemplo, não só de profissional, mas também de pessoa e por me proporcionar tanto conhecimento durante a caminhada acadêmica.

Ao corpo docente do curso de Psicopedagogia, que me acompanharam durante a graduação, por ter contribuído de forma considerável para construção de conhecimentos durante todo o curso.

Aos meus colegas de sala, pela companhia, companherismo, incentivo e apoio constante.

Ao NESMEP, por representar não só um espaço de aquisição e troca de conhecimento, mas por ter se tornado pra mim um incentivo em busca de crescimento, e por me apresentar espelhos no campo acadêmico.